



Quartas
Temáticas

Mobilizar
Resistir
Transformar

Mulheres ocupam a CasaNat para compartilhar resistências

Quatro mulheres protagonizaram o evento “A resistência agroecológica em Herval através do olhar das mulheres do Grupo Bio”, que aconteceu na noite do dia 29 de junho na CasaNat.

Escutadas por uma plateia majoritariamente feminina, Marília Gonçalves, do Sítio Cultural Ibiekos, Lia Gutierrez, estudante do Iterra, Mônica Gonçalves, do Grupo Biodiversidade, e Letícia Paranhos, do Amigos da Terra Brasil, falaram por pouco mais de duas horas sobre as violações de direitos que a monocultura do eucalipto e da soja provocam na região do Pampa Gaúcho. Além das denúncias, apresentaram a resistência que se dá em Herval, município

dentro da tua propriedade some. Na época de plantio, quando começam a fumejar com veneno para formiga, a invasão nas propriedades vizinhas é enorme. Tatu morre, zurrilho morre”. Marília conta que o processo de assentamento por parte do Governo e a chegada do eucalipto na região coincidiram, o que impossibilitou a continuação de desapropriação de terras. “Foi quando elevou o preço da terra e o governo parou de comprar. Para os donos de terra não era mais negócio vender

ano tem plantio, colheita, e tem também pulverização de agrotóxico: “Os impactos do soja são arrasadores, porque a pulverização também é anual, três, quatro, cinco vezes por ano. Aí tu tem perda de exame, perda de biodiversidade no mato, aborto de árvore frutíferas”, denuncia Marília. Após contextualizar os embates na região, Marília, que faz parte do Conselho Consultivo do Amigos da Terra há 4 anos, enfatiza que no meio “dessa briga toda”, os agricultores estão se articulando



Texto e fotos: Douglas Freitas

do sudeste do Rio Grande do Sul, através da articulação de agricultores agroecológicos, professores e educandos.

Marília Gutierrez é assentada em Herval e é mantenedora do Sítio Cultural Ibiekos. O Sítio, que hoje é um espaço para trabalhar a cultura regional nos assentamentos de Herval, surgiu como um blog de denúncia das violações de direitos por parte das monoculturas da região e de distribuição de informações sobre a resistência no Pampa. Marília compartilhou um pouco deste conhecimento acumulado. “Quando o eucalipto chega ao Pampa, os problemas também chegam em diferentes níveis. Tu não tem mais o vento que tu tinha, as horas de sol diminuem, a fauna

para o governo. O negócio mais lucrativo era vender terra para o plantio de eucalipto”. Para ampliar a disputa, em 2013 ocorre a ampliação da fronteira da soja, o que causa uma explosão desta monocultura em Herval. Segundo Marília, o Pampa não é uma região boa para o plantio de soja. “Nos últimos quatro anos, tivemos três anos de seca e um ano de enchente. A produção foi baixa, foi ruim. Mas ela gera um dinheiro muito grande no giro do banco, do governo, do royalties, da bolsa de valores. Todo esse giro do capital”. O eucalipto tem também este giro, mas é diferente do soja. O ciclo do eucalipto, do plantio à colheita, é de aproximadamente sete anos. O ciclo do soja é anual. Todo

há um bom tempo. “A gente vem tentando se organizar lá dentro do assentamento, com um grupo que tenha não só uma discussão direta sobre a produção agrícola, sobre produzir alimento de fato. Produzir alimento sim, mas também se articular para dar pau nos caras. Porque eles estão nos dando pau e nós não vamos apanhar sem gritar”. É aí que entra o Grupo Biodiversidade. O Grupo Bio é formado por um conjunto de agricultores assentados na região do 2º distrito de Herval que tem em comum a vontade de trabalhar com a agroecologia. Pessoas que veem não só uma importância produtiva, mas também uma importância política na prática agroecológica.

Pessoas que veem não só uma importância produtiva, mas também uma importância política na prática agroecológica. Seu principal trabalho é pela manutenção do uso das sementes crioulas na região, no entanto, o Grupo Bio já vem alçando novos voos, como vamos ver logo mais.

Mônica Gonçalves, integrante do Grupo Bio, relatou como se deu o começo da articulação dos agricultores. No processo de formação do grupo, uma das principais dificuldades relatadas é a deficiência de transporte na região. As estradas de chão estão na maioria do tempo em más condições. São arrumadas pela Prefeitura, como sinalizou Mônica, somente nos períodos de colheita do eucalipto ou da soja. Manutenção esta que dura pouco. Assim que as dezenas de caminhões passam, os buracos voltam. Não há transporte público. O que interliga os assentamentos é o ônibus escolar, que é um determinante para a existência ou não das aulas nas escolas. “Se o ônibus estraga, não tem aula. Se chove, não tem aula. Se o motorista fica doente, não tem aula. E aí quando ver são 10 dias sem aulas”, explica Marília. O problema da locomoção e das distâncias interfere no fluxo escolar e dificulta a existência de reuniões do Grupo Bio. No entanto, isso não impediu que os agricultores se reunissem, se articulassem e organizassem a produção. Os frutos já surgiram. No dia 2 de julho, a produção agroecológica do Grupo Biodiversidade esteve à disposição na feira Frutos da Resistência, que ocorreu em frente a CasaNat. A feira reuniu, além dos produtos de Herval, produção de Maquiné e materiais de autossustento do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. Mônica explicou que o projeto para o próximo ano do Grupo Bio é a organização interna para fortalecer a troca de saberes e a articulação política. “Vamos nos articular para debatermos a exclusão dos agrotóxicos do plantio, debater os transgênicos.”

Em mais um bonito movimento de resistência em Herval, os saberes do Grupo Biodiversidade foram compartilhados com os estudantes de duas escolas. A troca fez parte do projeto Fortalecendo os Saberes do Pampa, que, em 2015 e 2016, trabalhou a identidade pampeana com mais de 60 educandos das escolas da região: a EMEF Ernesto Che Guevara e EEEF Corinto Ávila Escobar. O trabalho, apresentado pela Letícia Paranhos, do Amigos da Terra Brasil, é uma parceria com o Grupo Biodiversidade e com o Sítio Cultural Ibiekos e teve financiamento da Fundação Luterana de Diacônia (FLD). “Falamos projeto porque teve este apoio da FLD, mas na verdade são ações contínuas que o Amigos da Terra, o Grupo Biodiversidade e o Sítio Ibiekos tivemos

e seguimos tendo em Herval”. Saídas de campos, produção de um diário de bordo, atividades em salas de aula, produção de mapas. Durante meses, as atividades com estudantes trabalharam a identidade de ser quem são. Segundo Letícia, muitas crianças não se identificavam como assentados, não sabiam o que eram os assentamentos. E isso chocou a educadora. “A identidade do campesino era realmente algo que precisava ser reforçada”, observou Letícia. O contato com os estudantes e com os professores fez com que as educadoras Marília, Letícia e Mônica pensassem que era uma escola do campo em Herval. “O conteúdo é igual do urbano. Aí é aquela tendência de ir para cidade, né? Aqui é ruim, aqui é ruim. Vão para a cidade! E quando a gente chega com o projeto para trabalhar os saberes do campo, isso é um choque”, evidencia Marília. Com danças, alongamentos, paródias de músicas e com ações aparentemente simples (como propor um círculo ou passar a palavra para os próprios educandos), as estruturas foram se flexibilizando e as possibilidades aumentando. Os educandos participaram da produção coletiva de um mapa, através do Google Earth, em que identificaram seu caminho de casa até a escola, os assentamentos da região, mapearam a presença da monocultura.

“O fim que buscamos nestas ações é o fortalecimento da soberania alimentar do território. Acreditamos que o meio para chegar nisso é conservando os saberes populares da região”, evidencia Letícia. Para isso, saídas de campo foram primordiais. Os estudantes das duas escolas foram levadas ao Sítio Cultural Ibiekos e tiveram como guia os agricultores do Grupo Bio. “Com essa troca, levando em consideração que pampa e pampeano tem uma relação intrínseca e fazem parte do mesmo, vai ser realizada a preservação deste bioma também. Porque é isso, a partir dos saberes populares, a partir dos saberes ancestrais, a partir de um cuidado e de um reconhecer do território, tu vai saber qual a melhor forma de viver, trabalhando com autonomia, criando redes”.

Na saída de campo, se viu a agrofloresta, o conceito de cultura permanente, as frutas nativas da região, os caminhos das águas, a importância das sementes crioulas, os estudantes tiveram contato com a bioconstrução (as casas da Marília e da Mônica são de barro). Houve compartilhamento de comida, puxado pelo GrupoBio, que levaram seus alimentos agroecológicos. Segundo Marília, foi mais uma oportunidade de efetivar a troca de saberes entre pessoas mais velhas, que não fazem parte do ambiente escolar porque não tem parentes na escola. “Este conhecimento se perde no não conversar do avó com neto, dos pais com os filhos. Nes-

se contexto, a solução que o Estado dá é a privatização das escolas. Por outro lado, propondo levar a comunidade para dentro da escola e tirar a escola e colocar na comunidade, tu acaba colocando mais pessoas na discussão. Pessoas que vão garantir um melhor viver naquele espaço, no Pampa”, enfatiza Marília.

Durante o Quartas Temáticas, Mônica e Letícia lembraram da importância de apropriar o ensino e o próprio vocabulário à uma realidade anti-hegemônica. “Aluno quer dizer ‘aquele que não tem luz’. Educando passa a compreensão de quem quer aprender”, lembrou Mônica. Letícia destaca o termo “sulear” ao invés de “nortear”: “No momento que a gente quer construir conhecimento e regatar saberes daquela região, então nós vamos nos voltar para o sul, que é de onde viemos”.

A noite foi também momento de lançamento do livro Sabes Saberes Sabidos, um dos frutos do projeto. A publicação reúne receitas, dicas de manejo e de cuidado com as plantas, indicações de plantas nativas frutíferas e medicinais, informações dos animais que vivem na região e muitos outros saberes tradicionais da região do pampa. Tudo resgatado, escrito e desenhado pelos próprios educandos das escolas Che Guevara e Corinto. Através das informações colhidas nos diários de bordo, os estudantes buscaram os saberes nos seus ancestrais e hoje compartilham com todos nós.



Por fim, Marília, Mônica e Letícia ressaltaram—e comemoraram—que o trabalho não acaba por aí. Novos prismas de trabalho já foram abertos e a resistência através do Grupo Bio se fortalece a cada encontro. E não há distância, como os mais de 500 km que Lia, Mônica e Marília fizeram de Herval a Porto Alegre, que impeça os encontros de quem luta por um mundo sem venenos. Por um mundo em que a vida venha antes da morte ou do lucro.

Visite nosso site e conheça a organização:
www.amigosdaterrabrasil.org.br

É possível ter acesso e fazer download do livro Sabes Saberes Sabidos por aqui:
<http://bit.ly/SabesSaberesSabidos>

FUMPROAMB



Apoio:
Amigos da Terra
BRASIL

